

FLU, out. 49

Rubem Braga 25/5/69

123 ARVORES

Uma coisa que me comoveu na Itália foi ver, durante a guerra, ainda no inverno, ao sair de uma cidade meio destruída, os homens que podavam as árvores ao longo de uma estrada. Eram, com certeza humildes funcionários comunais que cumpriam sua tarefa de todo o ano. Mas havia alguma coisa de solene naquele trabalho.

O povo do lugar passava seguramente fome, comprando raros gêneros com suas «tessere» melancólicas — que tantas vezes davam direito a comprar o que não havia para vender — e seu velho dinheiro desmoralizado. Ninguém ainda podia reconstruir as casas arrebitadas pelos bombardeios e explosões. Sem água encanada, com uma luz elétrica incerta e escassa e um aquecimento precário e difícil o inverno corria duro e triste. Em muitas famílias havia o luto, ou a apreensão por um homem que há muito não dava notícias, ou uma história de mulher ou môça caída em desmoralização.

Muitos lavradores não ousavam lavrar suas terras, pois os campos haviam sido minados. A rapina, a destruição e o crime deixavam seus sinais nas ruas esfrangalhadas por onde passavam, desabalados, aos solavancos, os caminhões militares.

E ali, na estrada, os homens podavam as árvores. Não eram árvores que dessem frutos para matar a fome; eram apenas a beleza da estrada. Os homens faziam um serviço bem feito, devagar, com esse carinho que os italianos têm pelas árvores. Parecia que para eles era de suprema importância que as árvores ficassem podadas. Um vento gelado cortava o campo, na tarde sombria. Mas aquele trabalho era como um rito de esperança na Primavera.

Fôra, talvez, a displicência de algum burocrata, que não pensara em fazer cumprir, naquele inverno de tristezas e problemas tão prementes, algum serviço mais urgente. Mas no meio do drama italiano, às vezes de um ridículo tão doloroso, nesse mundo de frustrações e transigências e necessidades — o trabalho daqueles homens parecia um gesto de nobreza.

D N 29.6.49

D.N 23.6.67

Zivw - FEB - 1945

FLU - out. 49

RN